

COLUNA

Carnaval 2025

ÓMI TÚTU AO OLÚFON - ÁGUA FRESCA PARA O SENHOR DE IFÓN NA CIDADE DO PAI XANGÔ, OYÓ!

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

Oyó desperta em festa, embalada pelo chamado dos atabaques, que ressoam como trovões domados anunciando a chegada do mais velho. O sol, avermelhado de reverência, derrama seu ouro sobre a cidade, tingindo de esplendor os caminhos por onde pisará aquele que carrega o segredo do tempo. As ruas se enchem de cânticos e rezas, os corpos dançam entre a poeira e o vento, e cada sopro de brisa é um alento da ancestralidade que se faz presente. Oxalá vem. Sua veste é alva como a espuma das águas mansas, e seus passos carregam a placidez dos rios que nunca se apressam, mas sempre chegam ao mar. Ele traz consigo o axé da criação, a paciência dos ciclos, a sabedoria que se desenha no traço das conchas e no silêncio das folhas. Em suas mãos, a água fresca – ómi tûtú – que acalma a fúria, desfaz os nós do destino e sela a harmonia entre os reinos.

Oyó, terra de Xangô, curva-se sem se dobrar. Pois se ali o fogo é lei, também é certo que o fogo respeita a brisa, que a tempestade se rende ao orvalho e que a lança se desfaz no toque de quem rege o equilíbrio do mundo. No grande palácio, as portas se abrem sem pressa. Não há medo, apenas entrega. O rei da justiça recebe o pai da criação. O ferro do trovão encontra o algodão das nuvens. A cidade se torna sagrada.

¹ Professor Auxiliar na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

E quando Oxalá enfim pisa o chão de Oyó, cada pedra, cada folha, cada olhar se ilumina. Pois naquele instante, o tempo suspende sua marcha, e tudo se aquieta – como se o próprio universo, por um breve segundo, descansasse sob a sombra do grande Orixá. Parece um conto literário, mas toda essa poesia é apenas uma singela síntese do que a Imperatriz Leopoldinense trará pra avenida do samba em 2025.

A Imperatriz Leopoldinense é uma escola de samba fundada em 6 de março de 1959 no bairro de Ramos, subúrbio da Leopoldina, no Rio de Janeiro. Seu nome homenageia a Imperatriz Maria Leopoldina, arquiduquesa da Áustria e imperatriz do Brasil, consorte de Dom Pedro I. A escola conquistou seu primeiro título no Grupo Especial em 1980, com o enredo “O que que a Bahia tem”, e desde então acumulou diversas vitórias, destacando-se pela riqueza de seus desfiles e pela escolha de enredos históricos. Entre seus campeonatos, destacam-se os de 1981, 1989, 1994, 1995, 1999, 2000, 2001 e 2023, este último que falou da saga de Lampião pelo sertão do Nordeste brasileiro. A Imperatriz Leopoldinense, com sua trajetória marcada por desfiles tecnicamente impecáveis, promete uma verdadeira revolução na avenida ao trazer para o Carnaval um dos mitos mais simbólicos do panteão iorubano: a visita de Oxalá ao reino de Xangô, em Oyó. Este enredo, além de enaltecer a ancestralidade afrobrasileira, tem potencial para provocar uma indagação sobre poder, temperança e a importância da conciliação no atual contexto social brasileiro.

A história que a Imperatriz levará à Sapucaí narra um encontro emblemático: Oxalá, o mais velho dos orixás, divindade da criação e da sabedoria, decide visitar Oyó, a terra do impetuoso Xangô, senhor da justiça e do trovão. Segundo o mito, Oxalá enfrenta dificuldades em sua jornada, sendo impedido de prosseguir por guardas a mando do rei, que, desavisado, não reconhece o ilustre visitante. O velho orixá é aprisionado e sofre humilhações até que Xangô percebe o erro e, arrependido, presta todas as honras devidas ao pai primordial. A partir dessa experiência, estabelece-se o respeito mútuo entre os dois orixás, marcando o equilíbrio entre autoridade e sabedoria, rigor e paciência. Na avenida, essa narrativa decerto trará contornos revolucionários ao propor um espetáculo visual e filosófico que contrapõe forças

aparentemente opostas: o ímpeto da juventude e a serenidade da maturidade, a imposição do poder e a necessidade de humildade, o rigor da lei e a sabedoria da experiência. Em tempos de polarizações extremas, esse desfile funciona como um chamado ao entendimento, ao reconhecimento do outro e à valorização da tradição como guia para o presente e o futuro ancestral!

A Imperatriz tem histórico de luxo e perfeição técnica, mas, para revolucionar o Carnaval de 2025, precisará ir além, explorando a simbologia do enredo em cada detalhe. Minhas apostas são que o embate entre Oxalá e Xangô pode ser traduzido em uma Sapucaí dividida em cores e texturas contrastantes: o branco da paz e da criação contra o vermelho e dourado da realeza e do fogo. Alegorias imponentes para retratar a cidade de Oyó com toda sua grandiosidade, contrastando com um carro que ilustre a jornada sofrida de Oxalá. Um grande destaque pode ser a cena da prisão do orixá, um momento de forte impacto emocional. A comissão de frente deve encenar o momento em que os guardas barram Oxalá, levando-o à humilhação, e a posterior redenção quando Xangô reconhece seu erro. Esse momento pode ser simbolizado por coreografias que representem a luta entre justiça e humildade, encerrando-se com um grande ritual de coroação e respeito ao mais velho. Será que teremos essa cena? Estamos na torcida para que sim!

Espero como telespectador do Carnaval que as alas traduzam elementos essenciais da mitologia iorubana, trazendo desde a majestade de Oyó até a humildade de Oxalá. Os filhos de Xangô, com seus trajes de fogo e trovão, podem contrastar com os filhos de Oxalá, em brancos e prateados, simbolizando a dualidade que se resolve no entendimento mútuo. O que queremos é ver o quão o Brasil pode aprender sobre África e sobre a cultura iorubana a partir dessa aposta histórica e estética. O desfile da Imperatriz pode se tornar um marco por resgatar e enaltecer a cosmovisão africana, rompendo com narrativas eurocêntricas ainda dominantes no Carnaval. Ao trazer o mito de Oxalá e Xangô, a escola não apenas presta um tributo à cultura de África, mas também insere na avenida uma discussão sobre respeito às

diferenças, equilíbrio de forças e a importância de aprender com os nossos mais velhos.

A tradição de aprender com os mais velhos é um dos pilares das sociedades africanas e afrobrasileiras, um valor que atravessa gerações e sustenta a transmissão de conhecimento, cultura e identidade. No Brasil, essa herança se manifesta de diversas formas, especialmente nas comunidades quilombolas, nos terreiros de candomblé e umbanda, nas rodas de samba e nos espaços de resistência popular. Em África, essa tradição está enraizada na oralidade e na hierarquia social, onde os anciãos são guardiões da memória coletiva e referências de sabedoria. O respeito aos anciãos não se dá apenas pela idade, mas pelo acúmulo de experiências e pelo papel de mediadores entre o passado e o futuro. Eles são os contadores de histórias, os mestres dos provérbios, os conselheiros da aldeia. Entre os iorubás, a figura dos babalaôs (sábios do culto de Ifá) é um exemplo claro dessa valorização da experiência. São eles que decifram os destinos através do oráculo, orientam os mais jovens e preservam os ensinamentos dos orixás. Já entre os povos bantos, a ancestralidade é celebrada em rituais nos quais os mais velhos ocupam o centro, sendo responsáveis por iniciar os jovens na vida adulta e ensinar os segredos da natureza e do mundo espiritual. Essa hierarquia de conhecimento também se manifesta no aprendizado de ofícios. Em muitas culturas africanas, profissões como ferreiros, escultores e músicos são passadas de geração em geração por meio da observação e da prática ao lado dos mais velhos.

No Brasil, essa tradição resiste, apesar das tentativas históricas de apagamento da cultura africana. Nos terreiros de candomblé, por exemplo, a figura dos mais velhos é fundamental, pois são eles que conhecem os ritos, os mitos e os fundamentos da religião. Os griôs brasileiros, inspirados nos contadores de histórias africanos, também são guardiões da memória coletiva, especialmente em comunidades quilombolas e na cultura popular. São mestres da oralidade, responsáveis por ensinar através das narrativas, da música e das experiências de vida. Muitos mestres de capoeira, sambistas e benzedeiras são verdadeiros griôs

contemporâneos, preservando saberes que resistem ao tempo e às mudanças sociais. A importância dos mais velhos se reflete também no samba. Nos morros e quadras das escolas, a voz da experiência sempre teve peso. Compositores como Dona Ivone Lara, Monarco, Cartola e tantos outros não apenas cantaram, mas ensinaram. O enredo da Imperatriz Leopoldinense sobre a visita de Oxalá a Oyó resgata exatamente essa lição: o valor de aprender com os mais velhos. No mito, Xangô, jovem e impetuoso, só reconhece o erro depois de perceber a grandeza de Oxalá, aquele que carrega a sabedoria do tempo. Esse encontro simboliza o que as culturas africanas e afro-brasileiras sempre ensinaram: sem ouvir e respeitar os mais velhos, não há equilíbrio, não há justiça, não há continuidade!!! Vamos ao samba tão lindo escolhido pela escola para sintetizar em versos tudo o que falamos? A seguir, o reproduzimos na íntegra.

Vai começar o itan de Oxalá

Segue o cortejo funfun pro senhor de Ifón, Babá

Orinxalá, destina seu caminhar

Ao reino do quarto Alafin de Oyó

Alá, majestoso em branco marfim

Consulta o ifá e assim

No odú, o presságio cruel

Negando a palavra do babalaô

Soberano em seu trono, o senhor

Vê o doce se tornar o fel

Ofereça pra Exú... um ebó pra proteger

Penitência de Exú, não se deixa arrefecer

Ele rompe o silêncio com a sua gargalhada

É cancela fechada, é o fardo de dever

Mas o dono do caminho não abrandá

Foi vinho de palma, dendê e carvão

*Sabão da costa pra lavar demanda
E a montaria te leva à prisão
O povo adoeceu, tristeza perdurou
Nos sete anos de solidão*

*Justiça maior é de meu pai Xangô
No dendezeiro, a justiça verdadeira
(Meu pai xangô mora no alto da pedreira)*

*Onde o banho de abô pra purificar
Desata o nó que ninguém pode amarrar
Transborda axé no ibá e na quartinha
Pra firmar tem acaçá, ebô e ladainha*

*Oní sàà wúre! Awure awure!
Quem governa esse terreiro ostenta seu adê
Ijexá ao pai de todos os oris
Rufam atabaques da Imperatriz*